



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL COLÔNIA E SUA HERANÇA CONTEMPORÂNEA**

Shirley Macielle da Silva

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: shirleymaciele@gmail.com.br*

Tayná da Silva Sales

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: taynasales.ts@gmail.com.br*

Rubiassa de Santana Simão

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: rubiassasantana@yahoo.com.br*

Luana Paula de Amorim Santana

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, e-mail: lu\_paula\_amorim@hotmail.com*

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho de pesquisa surgiu a partir das aulas de História da Educação Brasileira na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no curso de Pedagogia do Departamento de Educação, ministradas pelo professor Alessandro Nóbrega.

A partir das reflexões das aulas de História da Educação Brasileira e dos textos estudados na disciplina, elaborou-se a questão sobre as sobrevivências culturais da educação colonial na educação brasileira contemporânea. O objetivo é, através da pesquisa de observação do ensino contemporâneo do Ensino fundamental ou ensino médio, verificar as influências e/ou permanências ou semelhanças com a educação jesuítica colonial no Brasil em relação aos seus valores e cultura. Essa pesquisa insere-se no Grupo de Estudos e Pesquisa em Estado, Sociedade e Educação da UERN.

A educação jesuítica colonial teve uma forte marca na cultura brasileira. Pioneiros na instituição da cultura e valores portugueses no Brasil, Portugal foi um dos últimos países europeus a abandonar a cultura medieval e se industrializar. A resistência a cultura capitalista em Portugal em prol da cultura medieval resultou em uma cultura conservadora de valores tradicionais. Até que ponto essa realidade influenciou o Brasil na colônia que persiste até hoje na educação contemporânea brasileira?

## METODOLOGIA

O interesse pela pesquisa iniciou com a leitura dos textos da disciplina História da Educação Brasileira ministrada pelo professor Alessandro Nóbrega. Com as reflexões do texto de Maria Luisa Ribeiro sobre a educação jesuítica no período colonial do Brasil e sua herança para a educação contemporânea criou-se uma curiosidade sobre a continuidade dessa educação na cultura atual do Brasil.

Depois de uma revisão bibliográfica através de estudos coletivos sobre a temática, que continua ao longo do percurso da pesquisa, foi possível avançar no conhecimento. A segunda etapa da pesquisa consiste em uma observação empírica nas escolas de Mossoró-RN.

Ainda não se decidiu se a pesquisa observará as escolas do Ensino Fundamental I, pois os jesuítas educavam os colonos para ler e escrever, então poder-se-ia anotar as permanências, semelhanças e diferenças. Ou investigar-se-ia a educação do Ensino Médio, uma vez que o Ensino de Humanidades dos jesuítas na colônia poderia corresponder a essa fase ou nível da educação. É possível também escolher uma amostra dos dois níveis educacionais e realizar discussões diferentes, porém, mais ricas em conteúdo pedagógico.

Não está descartada a investigação cultural. Os valores e costumes influenciados pela educação jesuítica colonial na cultura brasileira atual.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A educação no Brasil tem início com os índios que habitavam o território, começa de modo informal, onde são ensinados desde cedo o modo como sobreviver, as crianças aprendiam com os mais velhos as técnicas de pesca, plantação, cozinhar, guerrear, construção das próprias armas durante a vida cotidiana, não havia uma instituição especial destinada a educar as crianças.

[...] Até os 7 anos, idade a partir da qual já deviam começar a viver às suas próprias expensas, as crianças acompanhavam os adultos em todos os seus trabalhos, ajudavam-nos na medida das suas forças e, como recompensa, recebiam a sua porção de alimentos como qualquer outro membro da comunidade. *A sua educação não estava confiada a ninguém em especial, e sim à vigilância difusa do ambiente.* Mercê de uma insensível e espontânea assimilação do seu meio ambiente, a criança ia pouco a pouco se amoldando aos padrões reverenciados pelo grupo. A convivência diária que mantinha com os adultos a introduzia nas crenças e nas práticas que o seu grupo social tinha por melhores. Presa às costas da sua mãe, metida dentro de um saco, a criança percebia a vida da sociedade que a cercava e compartilhava dela, ajustando-se



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ao seu ritmo e às suas normas [...], a criança adquiria a sua primeira educação sem que ninguém a dirigisse expressamente. [...] *nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida*; para manejar o arco, a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade. [...]” grifos do original. (PONCE, 1989, p.19).

Apesar de Ponce (1989) está se referindo aos índios europeus, como os índios brasileiros tinham semelhanças em sua organização social, podemos inferir que as características da educação também assemelhavam-se. Uma educação prática e de responsabilidade de todos. Assim comprova Ribeiro (2000)

[...] Em decorrência do estágio primitivo em que se encontravam as populações indígenas, a educação não chegara a se escolarizar. A participação direta da criança nas diferentes atividades tribais era quase suficiente para a formação necessária quando atingisse a idade adulta. [...] (p.18).

Uma educação de cunho pedagógico formal vem junto com o advento do “descobrimento” do território pelos navegantes portugueses em 1500, que após reivindicar o território, mostrou certo desinteresse pelas terras, mas o medo de perdê-las fez com que as ocupassem.

Mas para que a exploração das terras fosse concretizada houve a necessidade da utilização de mão de obra abundante e barata, primeiro os índios, depois os escravos africanos, porém, com a resistência mostrada pelos índios, precisou de estabelecer uma estratégia.

O projeto colonialista da classe dominante portuguesa e a organização escolar tinham como objetivo continuar mantendo o Brasil como uma colônia e servindo como mercado consumidor de matéria prima.

Num contexto social com tais características, a instrução, a educação escolarizada, só podia ser conveniente e interessar a esta camada de dirigente (pequena nobreza e seus descendentes) que, segundo o modelo de colonização adotada, deveria servir de articulação entre os interesses metropolitanos e as atividades coloniais.

Por isso, a classe dominante colonial distinguia-se da maioria da população que era escrava e iletrada, alimentando a ideia de que o mundo civilizado estava no exterior, mais exatamente na Europa e serviria de modelo para o Brasil. Os letrados acabavam por rejeitar não apenas esta maioria existente na colônia das classes subalternas, mas a exercer sobre ela uma dominação. Além disso, a classe dominante no Brasil rejeitava a própria realidade colonial, contribuindo para manutenção deste traço de dominação externa e não para sua superação.

Nesse contexto social, a instrução, a educação escolarizada, só podia ser conveniente e interessar a camada dirigente (a pequena nobreza e seus descendentes), que seguindo ao



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

modelo de colonização adotada, deveria servir a uma articulação entre os interesses metropolitanos e as atividades coloniais. O projeto colonialista tinha como princípio o lucro para as classes dominantes metropolitanas. Obviamente, não descuidando da classe dominante colonial, porém, essa submetida aos interesses da MetrÓpole.

A organização escolar no Brasil – Colônia está vinculada à política colonizadora dos portugueses e um interesse visando o lucro para as camadas dominantes. A escolarização era feita pelos colégios Jesuíticos como instrumento de formação da elite colonial. Tendo assim os instruídos descendentes dos colonizadores, e os indígenas são apenas catequizados, visando assim ao interesse do colonizador tanto econômico, pois tornava o índio mais dócil, ou seja, mais fácil de ser aproveitado como mão de obra. A elite era preparada para o trabalho intelectual, tornando assim a companhia de Jesus como sendo dominante no campo educacional. Os jesuítas com a consolidação da cultura católica entre as elites coloniais passaram a serem os formadores de elites e das lideranças da sociedade colonial.

A educação formal/escolar no período colonial foi dividida em dois momentos e inicia-se através da convocação dos jesuítas pela Coroa portuguesa, que eram um grupo religioso que defendia o cristianismo e que visavam combater o protestantismo que começava a ganhar bastante espaço na Europa. O grupo religioso, Companhia de Jesus, veio com intuito de alfabetizar os índios, mas, também visavam quebrar a resistência indígena e aculturá-los segundo os padrões primeiramente jesuíticos e posteriormente portugueses.

Quanto a isso, Luiz A. De Mattos destaca "[...] dele dependeria (...) o êxito da arrojada empresa colonizadora; pois que, somente pela aculturação sistemática e intensiva do elemento indígena aos valores espirituais e morais da civilização ocidental e cristã é que a colonização portuguesa poderia lançar raízes definitivas (...)." (MATTOS, 1958, p.31). Como se vê, a cultura e os valores europeus couberam a ação dos jesuítas o Brasil colônia.

Trazia a proposta educacional relativamente pública, onde os índios tinham acesso gratuito aos ensinamentos, porém, os jesuítas eram financiados pela Coroa portuguesa que tinha grande interesse no processo de quebra de resistência indígena.

O ensino jesuítico era dividido entre a catequese e o ensino de humanidades. Aos índios era ensinado a ler e escrever, mas, também os ensinamentos católicos e todos esses ensinamentos eram baseados em livros bíblicos com a intenção de aculturá-los.

Aos filhos da classe dominante na Colônia, o ensino era de humanidades, que além de aprender a ler e escrever aprendia-se sobre a cultura europeia. O ensino de humanidades tinha como conteúdo a teologia, gramática, música instrumental, retórica, e tinha o objetivo de

manter a linhagem da família pura e perpetuar a cultura. O ensino de humanidades era o único meio para formação de intelectuais.

Os jesuítas, como eram a única forma de se obter conhecimento e o único poder de convencimento indígena, fez-se necessário o uso de estratégias, e a primeira delas foi a criação de uma unidade linguística, onde através de seus ensinamentos aprenderam a língua dos índios e posteriormente ensinou aos índios o português, então fez com que o território inteiro falasse a mesma língua, pouco a pouco os indígenas se aproximavam dos seus mestres, os jesuítas utilizaram músicas, danças, teatro e muitas outras metodologias para despertar o interesse e a simpatia dos índios.

Os jesuítas eram extremamente rigorosos na seleção dos professores, onde só era permitido lecionar a partir dos 30 anos. Eles investiam muito no preparo dos mesmos. Num dos trechos de uma das regras do Ratio diz “[...] Se alguns forem amigos denovidades ou de espírito demasiado livre, devem ser afastados sem hesitação do serviço docente” (PAIM, 1967, p.28).

Sendo assim, os professores jesuíticos eram muito severos na sua própria conduta, não era permitido nenhum desvio de conduta por parte dos mesmos, não eram permitidos livros iluministas em seus ensinamentos e a formação oferecida por eles gerava um distanciamento considerável da ciência que se aflorava muito inicialmente em Portugal e por toda Europa.

Por mais de duzentos anos, eles organizaram o ensino e a educação no Brasil, causando um grande impacto no sistema educacional do país.

Com todas as estratégias adotadas para os ensinamentos na colônia, os jesuítas ganharam a confiança dos índios o que resultou na oposição da Coroa Portuguesa em relação aos mesmos, a influência jesuítica foi tão forte que acabaram obtendo mais poder tanto social quanto econômico que a própria Coroa portuguesa.

Com a descoberta do ouro as divergências se tornaram intensas, onde a Companhia de Jesus enviava o ouro para os seus templos e não para a coroa portuguesa o que culminou na expulsão dos Jesuítas do território brasileiro.

O segundo momento da educação colonial se deu com a expulsão dos jesuítas e a vinda do Marquês de Pombal às terras colonizadas, as mudanças se iniciaram em 1759 quando é publicado um decreto por meio do Marquês, onde as escolas jesuíticas seriam fechadas para que fosse criada uma nova estrutura educacional.

O ensino pode-se considerar semelhante ao dos jesuítas, porém, destacam-se algumas mudanças: as aulas eram avulsas, divididas e particulares (pagas) e o principal interesse do Marquês de Pombal era exercer controle sobre a colônia. Ainda contrastando com os jesuítas,

o Marquês propunha agregar ao ensino de humanidades, um ensino voltado para a formação de comerciantes e não intelectuais.

Visava acelerar o processo de aprendizagem, aprimoramento da língua, queria uma educação prática, mas não iluminista e completamente científica, para que não houvesse contestação dos seus meios pelos colonos brasileiros.

Porém, nesse período os professores não tinham uma qualificação necessária, gerando assim um verdadeiro caos no ensino em solo brasileiro. Na tentativa de reparar os problemas com a educação é criado um subsídio literário, onde eram cobrados impostos em vários produtos, com o fim de arrecadar o dinheiro para financiar o ensino primário e médio nas terras portuguesas colonizadas.

O momento educacional promovido pelo Marquês de Pombal foi considerado trágico, onde ele eliminou o sistema criado pelos jesuítas e trouxe grande retrocesso para a educação até então. Apesar de ter tentado organizar um sistema nacional pela primeira vez, o caos instalado pela expulsão dos jesuítas, foi considerável.

Com a vinda da família Real portuguesa para o Brasil, o Imperador Dom João VI cria uma nova estrutura educacional, com escolas, bibliotecas, imprensa, academia militar, e o ensino foi dividido em três níveis: o primário, a escola para aprender a ler e escrever, o secundário se manteve na estrutura das aulas regias, ensino de Latim, Grego e retórica, mas recebeu novas disciplinas, e o ensino superior. Em 1821 a corte portuguesa volta para Portugal e um ano depois o Brasil é então declarado independente.

## CONCLUSÃO

A educação brasileira no período da colonização pela Coroa Portuguesa teve forte influência da cultura católica. Durante séculos a cultura brasileira foi fortemente marcada pelos postulados do cristianismo católico.

Mesmo com a expulsão dos jesuítas, a educação não deixou de professar o catolicismo. A influência do iluminismo no Marquês de Pombal poderia ter sido modificadora da educação brasileira, porém, dentre outros fatores, a situação de colônia do Brasil em relação a Portugal, determinava a proibição dos ensinamentos iluministas.

Durante o Império e mesmo na República, a cultura educacional em relação ao catolicismo vai somente se consolidando. A independência do Estado frente a religião no Brasil, principalmente sob a República, não é uma realidade.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

O Império rege-se sob a cultura do catolicismo e conservadora. Sob a tutela do filho do rei de Portugal, não há um rompimento cultural após a independência do Brasil.

Até que ponto essa cultura persiste na educação contemporânea? Como se pode observar sua permanência na educação escolar? Houve mudança na cultura da sociedade brasileira em relação aos dogmas católicos da época dos jesuítas? Quais as diferenças na educação brasileira de hoje, seja da classe dominante seja das classes dominadas, em relação à educação na colônia?

Essas são algumas das indagações colocadas para a continuação da pesquisa.



## REFERÊNCIAS

- BORGES, V. Pacheco. **O que é história.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CARDOSO, C. Flamarion. **Introdução a História.** São Paulo: Brasiliense, 1996.
- ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.
- \_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação:** um estudo introdutório. 5. ed. São Paulo, Cortez, 1987.
- GENTILI, Pablo A. **Neoliberalismo, qualidade total e educação.** Petrópolis: Vozes, 1995. GERMANO, J. Willington. **Estado Militar e Educação no Brasil: 1964-1985.** São Paulo: Cortez, 1994. p.211-262: o declínio da Ditadura – a política educacional no contexto da abertura.
- MANACORDA, Mario A. **Historia da Educação:** da antiguidade aos nossos dias. São Pulo, Cortez, 1989.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Sobre Literatura e Arte.** 4. ed. São Paulo, Global, 1986.
- MATTOS, Luiz de. **Primórdios da educação no Brasil: o período heróico (1549-1570).** Rio de Janeiro, Gráfica Aurora, 1958, 306 p.
- PAIM, Antônio. **História das idéias filosóficas no Brasil.** São Paulo, Grijalbo, 1967, 276 p.
- PLEKHÁNOV, G. **A Concepção Materialista da Historia.** 7. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 1983.
- RIBEIRO, M. Luísa S. **História da Educação Brasileira:** a organização escolar. 16. ed. Campinas-SP: Cortez, 2003.





**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. Petrópolis: vozes, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. São Paulo: Saraiva, 1978.